

APRESENTAÇÃO

Neste ano de 2018, exatamente no mês de maio, completaria seu bicentenário de nascimento aquele homem que já em sua juventude expressou o desejo de posicionar-se em favor do gênero humano. Marx, quando mal completara seus 18 anos de idade, deu a conhecer, numa redação escrita nos tempos de escola, em agosto de 1835, que a escolha de uma profissão deve ser norteadada não por valores mesquinhos e egoístas, mas pelo bem da humanidade. Diz ele: “O guia que deve nos conduzir na escolha de uma profissão é o bem-estar da humanidade e nossa própria perfeição. Não se deve pensar que esses dois interesses possam estar em conflito, que um tenha que destruir o outro; pelo contrário, a natureza humana é constituída de modo que ele [o homem] apenas pode alcançar sua própria perfeição trabalhando pela perfeição, pelo bem, de seus iguais. Se ele trabalhar apenas para si mesmo, ele pode até se tornar famoso, um grande sábio, um excelente poeta, mas ele nunca poderá ser perfeito, um homem pleno”.

Perseguindo essa convicção, falou ao pai por meio de uma carta escrita em novembro de 1837, já nos estudos universitários em Berlim, que “Há momentos na vida que, tais quais marcas fronteiriças, colocam-se diante de um período concluído, apontando, porém, ao mesmo tempo, com determinação, para uma nova direção. Em um tal ponto de transição, sentimo-nos forçados a contemplar o passado e o presente com os olhos de águia do pensamento, a fim de tornarmo-nos conscientes de nossa posição real”. Tomando assento consciente dessa “posição real”, Marx necessitou afundar-se “na ciência e na arte” e começou a “bater-se com a Filosofia”, mais precisamente, com a filosofia especulativa, questionando um pensamento puramente idealista, o “reino do além” no qual o “real tornou-se vago”, demarcando teoricamente, de forma preliminar, a necessidade da investigação de como se constitui o mundo do homem, mundo esse que, fundado na exploração do trabalho, que ele começaria a denunciar pouco tempo depois, cria obstáculos à apreensão teórica da verdade.

A crítica voraz a esse mundo do homem, no qual o próprio homem não gira em torno de si mesmo, Marx empreendeu-a metendo-se nos “assuntos

materiais”. Tais “assuntos materiais”, a começar pelo problema do roubo de lenha no vale do Mosela, serviram de combustível para esse pensador revolucionário elaborar uma crítica à filosofia hegeliana. Foi como redator-chefe da Gazeta Renana que esses “assuntos materiais” imprimiram em Marx a necessidade de fixar seu olhar para o chão da história, jamais colocando em xeque o caráter terreno do seu pensamento e jamais buscando encontrar no céu as respostas para os problemas do mundo.

Desse direcionamento nunca se afastou, nem mesmo nos momentos mais difíceis de sua vida: prisões, expulsões de vários países, inclusive de sua terra natal, a pobreza, que tirou a vida de alguns de seus filhos, dificuldade para publicar seus escritos, etc. são apenas alguns dos “efeitos colaterais” de uma escolha feita lá em sua juventude em prol da libertação da humanidade das amarras que ela criou para si mesma. Em benefício dessa libertação, elaborou uma teoria revolucionária que instrumentaliza a classe trabalhadora na luta contra o sistema que a explora e a degrada em níveis cada vez mais baixos na escala de humanidade, e, como sabemos, é da desumanidade que o capital se alimenta.

É por essa razão que interessa a esse sistema execrar a teoria marxiana e seu autor, teoria erigida sobre o trabalho como categoria fundante do ser social. Para execrá-los, o capital se utiliza de estratégias várias para pretender enterrá-los na “poeira dos tempos”, e essa pretensão continua em pauta duzentos anos depois do nascimento do pensador de Trier. Quando já não é possível eliminá-lo fisicamente, intenta-se de modo várias acabar com a atualidade de sua teoria, utilizando-se inclusive de adjetivos nada agradáveis para desqualificá-lo. Em nome da reprodução do capital, que avança assustadoramente sua ofensiva contra a humanidade, afirma-se em nosso tempo histórico que o trabalho não seria mais central do ser social e que Marx seria um louco, um homem violento, estúpido e radical.

Na contramão de toda a avalanche de elaborações teóricas que pretendem enterrar Marx e sua teoria no século XIX, a **Revista Eletrônica Arma da Crítica** abre mais um número reiterando a atualidade do pensamento do revolucionário alemão cujas categorias, nascidas do real, continuamente são validadas pelo próprio real.

Nesse sentido, Osmar Martins de Souza e Susana Jimenez, no artigo intitulado *Marx: uma obra dedicada à luta da emancipação do trabalho*, elaboraram algumas reflexões sobre a obra de Marx e seu compromisso com a luta do trabalho pela superação do capital, tarefa que, embora obnubilada pela estratégia ideológica do capital de que não haveria alternativa para a humanidade, permanece na ordem do dia, pois a continuidade da vida no planeta depende da superação do capital operada pelo trabalho. É importante destacar que os autores do artigo em tela reiteram a afirmativa de que Marx, desde as suas primeiras obras, compreendeu que não era suficiente apenas interpretar a realidade, como denuncia Marx na décima primeira tese sobre Feuerbach, mas que o conhecimento dessa realidade deve necessariamente vincular-se à transformação radical da realidade social cuja classe revolucionária por excelência é a classe trabalhadora (o proletariado).

Caminhando nessa direção, Argus Vasconcelos de Almeida, em seu artigo intitulado *Articulações teórico-filosóficas entre a evolução humana e a ontologia marxiano-lukacsiana*, aborda exatamente o caráter social do conhecimento científico. Ontologicamente fundado no trabalho, o conhecimento não poderia assumir um caráter a-histórico ou biologicamente fundado na evolução orgânica de nosso gênero. Afinal, a captura da realidade tanto social como natural é um fenômeno puramente social, possibilitado pela distinção ontológica entre ser e pensar. O pensar é, para a ontologia marxiano-lukacsiana, a transposição do real para a cabeça dos homens, que constroem seu próprio mundo objetivo através do trabalho como modelo de toda práxis.

Iael de Souza, em seu artigo *Da arma da crítica à crítica das armas ao refluxo da organização revolucionária*, analisa a categoria da luta de classes e o papel do Estado como complexo fundado pela sociedade de classes para a manutenção da exploração do homem pelo homem. Esta autora esclarece que a superação do Estado não é possível sem ultrapassar a fronteira que separa a pré-história da história da humanidade, tarefa histórica que ainda está no horizonte, pois os trabalhadores do mundo ainda não se uniram. Dizendo de outro modo, o golpe mortal que tem de ser necessariamente executado pela classe trabalhadora deve atingir as causas e não as consequências. Estas últimas morrerão quando for suplantada a sociedade que as gera

Frederico Costa, no artigo *Há duzentos anos do seu nascimento, o que Karl Marx tem a oferecer ao século XXI?*, reitera a atualidade de Marx e de sua teoria, pretendendo destacar três elementos centrais da trajetória de pensador alemão. O primeiro é o caráter e os fundamentos teórico-políticos de seu pensamento. O segundo é a natureza do seu método e a postura antidogmática de sua atividade militante. O terceiro é a atualidade de Marx para a crítica do existente, pondo em relevo que a única possibilidade de alternativa ao capitalismo é a superação do próprio capital.

Avançando na crítica marxista a esse sistema sociometabólico, Leonardo Sartoretto, em seu artigo *O sentido da práxis em Mariátegui: confluência da dialética histórica para a superação da alienação*, debate o pensamento político e a prática militante mariateguiana em consonância com a teoria da alienação de Marx. Sartoretto aponta que o marxismo de Mariátegui, concebido como revolta antipositivista, configura importante avanço na luta pela retomada da ação histórica dos indivíduos coletivamente organizados, tendo em vista a superação da ordem sociometabólica do capital.

No âmbito da educação, Maiara Lopes da Silva, Jackline Rabelo e Osterne Nonato Maia Filho, no artigo *Trabalho, educação e práxis: relações e distinções ontológicas em torno do ofício de professor*, buscam explicar, sob uma perspectiva marxiana, como se diferem as categorias “Trabalho”, “Educação” e “Práxis”, ao mesmo tempo que são ontologicamente dependentes umas das outras. Os autores reiteram a tese marxiana de que o complexo fundante do ser social é o trabalho, portanto, a educação é por ele um complexo fundado enquanto sinônimo de práxis, cujo ofício do professor consiste em um de seus tipos.

Encerrando o conjunto de artigos, Maira Vieira Amorim Franco e Otília Maria A. N. A. Dantas, em seu artigo intitulado *O PACTO Nacional pela Alfabetização na Idade Certa (PNAIC): um relato sobre a intensificação do trabalho docente*, fazem um estudo acerca do PNAIC como um programa desenvolvido pelo Ministério da Educação (MEC), em parceria com Estados e Municípios de todo Brasil. Esse programa, como apontam as autoras, traz como eixo central a formação continuada dos professores que atuam em classes de alfabetização. Essas autoras, fazendo uma análise crítica desse programa,

denunciam a intensificação e a proletarização da carreira docente que estão imbricados na lógica de formação proposta pelo Estado e, claro, do capital, que, para nosso infortúnio, nem sempre essa intensificação da exploração da atividade docente é reconhecida como decorrentes da alienação do trabalho cujo nascedouro reside na produção do valor e da mais-valia na qual o trabalho, vínculo eterno entre homem e natureza para a produção da existência humana, aparece como desrealização do homem.

A resenha de Agnes Lara Domingos Moraes e Cláudio Rodrigues da Silva acerca do livro *O movimento de educação para todos e a crítica marxista*, organizado por Jackline Rabelo, Susana Jimenez e Maria das Dores Mendes Segundo, expõe a essência dessa coletânea, que é a denúncia de como o capital intervém no complexo da educação para organizá-la de modo a atender as necessidades do mercado. De acordo com a lógica do capital, é necessário, para a garantia do controle social, promover a negação profunda do conhecimento sistematizado pela humanidade ao longo da história, negação essa que está articulada com a mercantilização da educação e o aligeiramento da formação, inclusive da formação docente.

Para encerrar finalmente o conjunto de produções teóricas enviadas para este número da **Revista Eletrônica Arma da Crítica**, Emanuel Rodrigues Almeida, no resumo expandido de sua tese de Doutorado, reafirma a tese marxiana do trabalho, apontando que Marx, apropriando-se criticamente da filosofia hegeliana, da tradição dos socialistas utópicos e da elaboração teórica dos economistas vinculados à Economia Política Clássica, descobriu: 1) que a existência real dos homens determina a consciência; 2) que a produção dos bens materiais e espirituais foi o primeiro ato histórico dos homens e que, como exigência desse processo real, 3) a reprodução ideal da vida real dos homens deve tomar como ponto de partida a produção social. Todo o construto teórico erguido por Marx está vinculado à transformação radical da sociabilidade regida pela exploração de uma classe sobre a outra.

Portanto, apesar das pretensões desse sistema de enterrar Marx e a sua teoria no vão do esquecimento, o pensador alemão continua atualíssimo e sua teoria responde, sim, pelos problemas históricos de nosso tempo. Considerando que no atual tempo histórico, o capital pôs em marcha galopante a agudização

exponencial da barbárie, tomo de empréstimo as palavras por Marx proferidas na *Introdução à Crítica da Filosofia do Direito de Hegel* (e que são demasiadamente conhecidas) para encerrar esta apresentação. Nessa obra, o pensador alemão afirmou belamente que a crítica arrancou dos grilhões as flores imaginárias, mas não para que o homem suporte grilhões desprovidos de fantasias ou consolo, mas para que se desvencilhe deles e a flor viva desabroche, pois a continuidade da nossa vida exige da humanidade que ela escolha a alternativa de girar em torno de seu verdadeiro sol.

Fortaleza, maio de 2018

Helena Freres